NOVELLAE OLIVARUM



ANO X / DEZEMBRO 1952 / N.º 100

NOVELLAE OLIVARUM

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI—OLIVAIS

COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Director — FERNANDO ALVES CRISTÓVÃO
Redactores — DOMINGOS LUÍS MORAIS
— MANUEL MARTINS HEITOR
Proprietário e Editor — ALEXANDRE VILARINHO DAS NEVES
Administrador — JOÃO RABUGE GUERRA

CONDIÇÕES DE ASSINATURA — Assinatura anual (10 números) . . . 25$00

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da Casa Portuguesa —Rua das Gáveas, 103 — Lisboa

SUMÁRIO

A Expectativa do Salvador — Rocha Merendeiro 193

Natal — Alves Guerra 198

Decoração do altar — A. B. Santos 201

A verdade sobre os Padres Operários 207

Leia que lhe deve interessar — A. Jorge 211

Crónica — A. Tavares 212

Um livro que lhe será útil — A. C. 214

Índice 215


Aos nossos
assinantes, anunciantes e amigos
BOAS FESTAS
e
FELIZ ANO NOVO
A Direcção

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª, L.DA

A casa mais antiga do País no seu género

(FUNDADA EM 1832)

Rua da Vitória, 82 a 88 — **Rua do Ouro, 166 a 170**

Lustres — Lanternas — Placas — Castiçais — Lâmpadas — Suspensões
Banheiras — Caldeiras — Esquentadores — Fogões de cozinha

INSTALAÇÕES

SANITÁRIAS	AQUECIMENTO CENTRAL	ELÉCTRICAS
CASAS DE BANHO	VENTILAÇÃO	CONTRA INCÊNDIOS
PÁRA-RAIOS	ASCENSORES	TELEFONES

TODOS OS TRABALHOS EM LATÃO E FERRO FORJADO

FUNDADA EM 1756

"CENACULO"

VINHO PARA MISSAS

com a aprovação de S. Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

REAL COMPANHIA VELHA

PÔRTO — **Rua das Flores, 69**

LISBOA — **Praça dos Restauradores, 14**

Livraria e Papelaria Moderna — **Machado & Ribeiro, L.da** — **Livraria Católica Portuense**

LARGO DOS LOIOS, 50 — **PORTO** — TELEFONE, 2 5156

Grande sortimento de livros religiosos tanto nacionais como estrangeiros
Missais, Breviários e todos os demais livros litúrgicos

Religião, Naturismo, Romances, Moral, Direito, Engenharia, Máquinas, Arquitectura, Navegação, Música, Veterinária, Estudo, Educação, Ciências, História, Medicina, Higiene, Cozinha, Comércio, Agricultura, Receitas, Indústrias, Artes e Ofícios, Velocipedia, Ginástica, Natação, Fotografia, Leitura popular, Poesias, Teatro, etc. Gramática Portuguesa por José Maria Relvas, 14$50 — Gramática Francesa pelo P.e Conceição Cabral, 30$00 — História da Literatura Portuguesa pelo P.e Alfredo de Aguiar, 10$00 — Jesus ao Coração do Jovem pelo P. D. Zama Mellini, 16$00 — Perguntas e respostas concisas e familiares às objecções mais vulgares contra a religião por Monsenhor de Ségur, 16$00 — Caminho da Perfeição por Santa Teresa de Jesus, 16$00 — Mês das Almas do Purgatório pelo Abade Berlioux, 15$00 — Fundamentos e explicação doutrinal da Ladainha do Coração de Jesus pelo Dr. António Ferreira Pinto, 10$00 — Parábolas de Jesus Cristo pelo Dr. António Ferreira Pinto, 12$50 — Ofício de Nossa Senhora em português e latim, 12$00 — Beleza e Grandeza do Sacerdócio, pelo P.e Quillard, 25$00 — Manual das Noviças, 16$00

Material escolar — Peçam catálogos indicando o género de livros

A Expectativa do Salvador

A PROMESSA

A queda de Adão e Eva trouxe para toda a criatura um estado de inimizade com o Criador. Mas Deus, que admiràvelmente havia criado a dignidade humana, reformou-a de modo ainda mais admirável, porque onde abundou o delito, veio superabundar o Graça. (Rom. V, 20).

Na plenitude dos tempos, (Gál. IV, 4-5) enviaria um *mediador,* que, livrando o homem do jugo do pecado, restituí-lo-ia à dignidade de filho de Deus. Desta maneira Deus entregar-nos-ia seu próprio Filho, e com Ele tudo nos seria dado (Rom. VIII, 33). Por Jesus, «Mediador entre Deus e os homens» (I Tim., II, 5) haveria de ser restabelecida, entre a criatura e o Criador, a ordem de relações perturbada pelo pecado.

Ao infligir o justo castigo ao homem, Deus imediatamente lhe revela a sua futura libertação do cativeiro de Satanás. Esta promessa é a primeira profecia messiânica, (Gén. III, 15.) cam razão dita também o Protoevangelho. Ela é, na verdade, o primeiro anúncio da Salvação, a primeira Boa Nova da Graça.

E tal profecia, como nota Ceuppens, «não diz respeito a algum povo, a alguma tribo determinada, mas abrange todo o género humano, toda a posteridade de Eva, excluindo toda a restrição.» Com efeito, se Adão e Eva haviam sido castigados como cabeça de toda a Humanidade, a promessa, que Deus lhes fazia, era feita, através deles, a todos os povos. Desde este momento, o Messias será o Esperado das nações: A tradução da Vulgata fiel ao texto dos LXX, embora não seja crìticamente a melhor, vinca bem esta ideia da expectativa universal de Cristo: «Et ipse erit expectatio gentinnu.» (Gén. XLIX, 10).

A EXPECTATIVA NO POVO ELEITO

Cristo foi, dum modo particular, o Esperado do povo judaico. Israel, o Povo Eleito, será o detentor da Revelação. Depois do monoteismo mais puro, é o dogma da Providência, concretizado muito visìvelmente em ordem às promessas messiânicas, que mais claramente se patenteia na preparação, e na própria história do povo judaico. Toda ela é dominada pela promessa do Salvador e pela esperança messiânica.

Na História do Povo Eleito há uma teologia fundamental, um ponto para o qual, globalmente, tudo converge. Personagens, instituições, promessas, sacrifícios, tudo é orientado pela Providência em relação ao verdadeiro Messias.

São em grande número os tipos de Cristo na Antiga Aliança. Ela própria é globalmente tipo da Nova, e a Revelação nela contida só adquire todo o seu significado à luz da Revelação de Cristo. Este sentido típico porém só podia ser compreendido à luz duma revelação posterior. Mas há factos, que directamente, embora nem sempre de modo muito claro, reavivam nos judeus a expectativa do autêntico Salvador.

Estão neste caso, as promessas sucessivas de Yahweh, as mensagens dos Profetas, e o próprio ritualismo da Lei, a fixar a Fé monoteista e messiânica e a dar-lhe base concreta para mais fàcilmente se obter a justificação interior. «Finis enim Legis, Christus», repetir-se-à com S. Paulo, ou ainda como Pascal: «Jesus Cristo, para quem olham os dois testamentos, o Antigo como sua esperança, o Novo como seu modelo, ambos como sua figura central.»

Através das vicissitudes da História, ou das próprias infidelidades do Povo Eleito, Deus mantém a fé e a esperança no futuro Salvador.

Nos tempos de Cristo, a comunidade judaica vive intensamente esta expectativa. É abrir os Evangelhos, e observar a consulta de Herodes na altura da visita dos Magos, os episódios de Simeão e Ana, a preocupação de escribas e fariseus quanto à missão de João Baptista, a pergunta dos discípulos a João Baptista e o modo de falar da Samaritana.

Mas em tal expectativa há algo de dramàticamente impressionante. Reconhecer o Messias será o mais decisivo problema da comunidade judaica. «Filho de Deus» (Ps. II), «filho do homem» no dizer de Ezequiel e Daniel, além de tantos outros dados revelados progressivamente, o Messias, o verdadeiro Messias — será, na veemente e comovedora passagem do maior dos profetas, o «homem de dores e famílias do sofri-

mento» (Is. LIII, 3...) ou então algum monarca triunfante, como nos deixam pressentir alguns salmos, e que os Targumim e vários apócrifos afirmam e engrandecem?

Entre as duas imagens a do rei glorioso e a do Cristo sofredor, o povo judaico, julgando-as opostas, guiou-se humanamente e esperava um rei restaurador da glória de Israel.

Nos tempos de Cristo diversos sintomas nos indicam ser o Messias esperado sob a forma temporal e gloriosa. É ver o próprio pensar dos Apóstolos, por exemplo, em Act. I, 6 e Lc. XXIV, 21. Será ainda esta obstinação que conduzirá Israel à catástrofe do ano 70. Di-lo-no claramente Flávio Josefo.

Conscientes da grandeza única da sua missão, votando à Terra Prometida um grande amor, os Filhos da Promessa acabaram por resvalar num exclusivismo egoista. «Amareis o vosso próximo» (Lev. XIX, 17). Chega-se mesmo a ordenar o amor dos inimigos (Prov. XXV, 21-22). Todavia este amor não se estende a todos, limita-se dentro da própria raça.

Para a mentalidade de certos judeus, o Legislador encerrava-se nos muros de ferro da Lei, para que, puros de corpo e alma, não se misturassem com as outras nações.

A promessa feita a Abraão: «por ti virá a benção a todas as gentes da terra» (Gén. XII, 3), o universalismo de Salvação de que falam alguns Profetas, não foram aceites pelos judeus. Nutrindo uma má vontade hostil contra todos os homens, recusar-se-ão a reconhecer a mensagem universal de Jesus. Foi nesta primeira encruzilhada, que o Cristianismo se afastou para sempre do judaísmo. E de tal maneira eram profundos estes sentimentos, que, ainda hoje, dispersos por todo o mundo, como grãos de areia que o vento espalhou, mas o tempo não conseguiu aniquilar, os judeus se conservam arreigados nas suas tradições comunitárias, e na esperança do Messias prometido.

A EXPECTATIVA EM OUTROS POVOS

A esperança de Israel comunicou-se também aos outros povos. E assim, nas crises da História Antiga, apareceu também entre os povos pagãos a expectativa paganizada dum futuro libertador.

«Uma antiga e constante tradição, escreve o historiador dos Césares, espalhada por todo o Oriente, anunciava que em determinado tempo

devia surgir da Judeia o dominador do mundo.» «As tradições sagradas e mitológicas dos tempos anteriores à era cristã, diz-nos Volney, haviam levado por toda a Ásia a esperança num sublime mediador, o qual havia de vir juiz supremo, salvador futuro, rei, deus, conquistador e legislador a inaugurar na terra a idade de ouro e a redimir os homens do império do mal.»

Afirma Boulanger, que os romanos esperavam, no tempo de Cícero, o rei predito pelas sibilas, como se lê no «Vaticínio» deste orador filósofo: — as calamidades da sua república deviam dar o sinal, e a monarquia universal a consequência.

Também entre os persas e sírios se esperava, por tradição local, uma espécie de salvador.

De modo semelhante, os egípcios esperavam de Osiris um reino consolador.

Repercutindo a mesma expectativa universal, Platão fala-nos também de um enviado do céu, para «os instruir nos nossos deveres para com os deuses e para com os homens.»

Esta esperança, a perpassar levemente na crença desorientada dos povos, será para as trevas do mundo paganizado o primeiro despontar da Salvação, que iria resplandecer.

RAZÕES DA EXPECTATIVA

A expectativa do Messias foi longa. A promessa do Salvador, tantas vezes renovada por Deus, só muito tarde se realizou. Todavia sabemos pela Revelação, que o Filho de Deus incarnou no tempo convenientíssimo. Com efeito, S. Paulo nos diz em Gál. IV, 4-5, que, chegada a plenitude, o complemento do tempo, Deus enviou o seu Filho, nascido duma Mulher e submetido à Lei, para resgatar os que estavam sob o jugo da Lei e fazer deles filhos de Deus. Ora a plenitude do tempo, — comenta S. Tomás, — não é senão o momento histórico designado prèviamente para a Redenção. E tudo aquilo, que Deus determina em sua Sabedoria e Bondade infinitas, é bem determinado.

E assim não era conveniente a Incarnação pouco após o pecado.

Em primeiro lugar por causa da dignidade do Filho de Deus. «Quanto maior era o juiz que vinha, tanto maior devia ser a série dos pregões que o precederiam», comenta a propósito S.to Agostinho.

A demora da Redenção levaria o homem a apreciar melhor o grande

dom dum Salvador, além de o predispor para acolher mais prontamente os benefícios dele resultante, e a preparar-se para toda a mensagem da Nova Aliança.

Uma vez que a malícia fundamental do pecado de Adão foi antes de tudo, o orgulho, — «eritis sicut dii» (Gén. III, 5) — , e dado que é ainda o orgulho o princípio de todo o mal (Sob. IV, 14; Excl. X, 15), era justo que o homem tomasse consciência do infeliz estado de pecador a que tinha descido, e, contrito, reconhecendo sua miserável enfermidade, chamasse por médico.

O cativo tanto mais estima e agradece a sua libertação, quanto mais tempo permaneceu em cativeiro e melhor aquilatou o seu desamparo. A consciência do pecado era necessária para a salvação, porque é a base de todos os valores na ordem moral. «Deus resiste aos soberbos, aos humildes dá porém a sua graça (I Pet. V, 5 e Jac. IV, 6).

A salvação não era apenas obra do Salvador; caso o fosse, seria despótica constrição e não conquista livre, pareceria mais vitória mecânica que oblação de amor. Entre a Omnipotência misericordiosa de Deus e a liberdade humana, a salvação in actu secundo, não podia, e não pode ser senão o fruto duma colaboração. «Qui fecit te sine te, non te justificat sine te. Fecit nescientem, justificat volentem.» (S.^{to} Agostinho).

É realmente certo que os homens experimentaram o desamparo. Entre tantos povos da Antiguidade, só o hebreu adorava o verdadeiro Deus; e ainda assim foi necessário que o Senhor o castigasse por suas infidelidades e lhe enviasse mensageiros. S. Paulo, recolhendo a experiência do paganismo de então, lembra na Ep. aos Romanos, que a falta do conhecimento de Deus gera toda a preversão. Pecado traz mais pecados; a inteligência obscurece-se, a vontade desorienta-se. É a frase tão veemente desse notável pensador russo, que foi N. Berdiaeff: — «Onde não há Deus não pode existir o Homem».

O Homem precisa tanto de Deus, que quanto mais o desconhece, tanto mais dele necessita.

Por isso, na convulsão que se apoderava das almas, na desorientação que imperava nas inteligências, a vinda do Salvador iria surgir, para os homens de boa vontade, como um grito de esperança, como uma certeza de triunfo. A Boa Nova, depois, seria acolhida com o alvoroço de quem descobre um caminho de salvação, com a alegria de quem encontra um tesouro de há muito procurado.

ROCHA MERENDEIRO



Natal

Uma vez mais a Igreja nos faz ouvir a voz dos anjos que, há vinte Séculos, nas cercanias de Belém, anunciavam o nascimento do Redentor.

E se na mensagem angélica vinha a salvação de Israel, nela descia, também, ao mundo, a palavra libertadora de Deus, que dava a Paz aos homens de boa vontade.

Não mais o ódio, não mais a injustiça, não mais a escravidão; mas o amor, a justiça e a liberdade.

A mensagem do Natal vem «revelar aos homens o nome desconhecido de Deus: *nosso Pai;* e o deles próprios: *irmãos.*» Eis a característica que podemos chamar fundamental da Boa-Nova trazida por Jesus. Deus é nosso Pai e nós somos irmãos. Jesus, fazendo-se igual a nós, é também irmão nosso; e o seu Pai é o nosso Pai.

Foi para nos dar a conhecer o Pai que o Filho desceu à Terra, tornando-se «um dos da nossa raça» no seio da Virgem.

Todos os anseios dos antigos Patriarcas e Profetas estavam realizados. «Veni!» — tinham eles suspirado através dos séculos, sentindo em si o peso esmagador da culpa e ansiando angustiosamente por livrar-se dela.

Estava cumprida a «Promessa».

A Humanidade em expectativa via, alfim, brilhar a luz salvadora, capaz de a fazer sair dos caminhos tortuosos e escuros por onde se metera. Era a anunciada plenitude dos tempos. Deus fizera-se homem e os homens iam tornar-se semelhantes a Deus. Jesus realizará a palavra da

serpente enganadora mas por um acto de humilhação. Foi para isso que Ele veio; e é por isso que, no seu nascimento, deve haver alegria. Proclamaram-na os Anjos e têm razão os homens para ficarem «transportados de grande júbilo» (1).

«Não pode haver tristeza no dia em que nasce a Vida, que, dissipando o medo da morte, derrama nas nossas almas a alegria pela promessa da eternidade. Não há ninguém que seja excluído da participação desta alegria. Todos têm um mesmo motivo para se alegrarem, pois Nosso Senhor, destruidor do pecado e da morte, achando-nos sujeitos ao pecado, veio para nos salvar a todos. Estremeça de júbilo o santo, pois a palma se aproxima dele. Regosije-se o pecador porque lhe é oferecido o perdão. Tome coragem o gentio pois é convidado para a Vida» (2).

Renova-se o mistério do Natal: e o Mundo é, mais uma vez, convidado a entrar na Vida pelo caminho do presépio. Afinal este caminho é o único que leva a alguma parte. Os passos deles hão-de ser os nossos passos: os caminhos são longos e difíceis; há neles pedras que ferem os pés e poeira que se nos agarra; a estrela por vezes desaparece; mas, procurando, sempre havemos de encontrar Belém, o presépio e, nele, Jesus — a salvação.

*
* *

Mas se, no Natal, se comemora o maior de todos os milagres — a Incarnação do Verbo, — o ambiente em que tal comemoração é feita não é, de modo algum, grandioso, daquela grandiosidade que se nos impõe por uma espécie de terror. A Liturgia fazendo-nos assistir à representação daquele acto único, que foi o do Nascimento do Redentor, não altera o cenário em que ele se desenrolou.

Se, na Antiga Aliança, Deus se manifesta aos homens no meio de trovões e o povo grita: «não nos fale o Senhor para que não morramos», (3) no Natal, o menino que nasce, sendo Deus, é também filho de uma virgem de Nazaré; e, para os que não sabem do segredo divino, José, o Carpinteiro, é o seu pai.

Porque é o Filho de Deus vêm os anjos cantar-lhe hossanas e glórias. Porque é o Salvador, os homens ajoelhar-se-ão diante dele: virão os pastores e chegarão os magos do Oriente. Mas porque é menino e pobre, — «o filho do Carpinteiro», — nasce num estábulo, vela por ele a Virgem, S. José e também os animais...

Deus quis entrar no tempo; fez-se homem; e levou até às últimas consequências este desejo e esta acção. Jesus é-nos igual em tudo menos no pecado. Nasceu como nós, mais: em condições piores que as nossas.

«Ó grande mistério e admirável sacramento: os animais vêem o Senhor nascido e reclinado no presépio» (4) faz-nos cantar a Liturgia do Natal.

Assim uma criancinha fraca é o centro em volta do qual gravita toda a vida da Igreja, nesta quadra. Longe de ser terrífico o espírito que preside a toda ela é, ao contrário, simples, terno, familiar.

A tradição tão linda e tão cristã que considera este tempo o tempo da família, reflecte isto mesmo. «Juntou-nos em um só o amor de Cristo» canta a Igreja em Quinta-Feira Santa. E as famílias é Cristo que as une num mesmo amor. Se Ele não estiver no meio delas não pode haver verdadeira união, porque falta o verdadeiro amor.

No Natal, Deus é um menino pequenino; e são os pequeninos também os que mais gozam das alegrias natalícias.

Por reflexo eles são os principezinhos da festa: todos procuram ser-lhes agradáveis, fazê-los felizes; por isso há brinquedos, presépios pequeninos e árvores do Natal com muitas luzes e coisas bonitas...

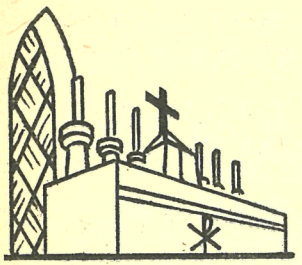
E ainda quando os homens se esquecem, por uma aberração, de que, no Natal, é Jesus que nasce, eles sentem que lhes falta qualquer coisa que complete, encha aquele vazio de alma que nem as mais doces alegrias colhidas na família conseguem fazer desaparecer.

É por isto que o Natal é, também, a festa da família. Família supõe amor; e o amor é Jesus.

ALVES GUERRA

---

(1) Evangelho da Epifania.
(2) 4.ª Lição de 25 de Dezembro.
(3) Êxodo XX-19.
(4) Responsório.



Decoração do Altar

Deus é Suma Beleza, enquanto a criação inteira, na harmonia perfeita dos seres, é reflexo do Criador.

O homem eleva-se a Deus, cantando as parcelas da Beleza incriada que contempla. Criado à imagem e semelhança de Deus, existe para O louvar. Por sua natureza, limitado e imperfeito, solicita necessàriamente o auxílio do semelhante. É um ser social.

A vida será perfeita, na correspondência às exigências intrínsecas de cada homem e na harmonia completa de todos eles.

A liturgia, manifestação exterior da vida da Igreja, apresenta-se, pois, com carácter social.

Por este culto, que tem como fim primário o louvor divino e expressão máxima o sacrifício eucarístico, a família cristã une-se a Cristo, seu chefe redentor para tributar ao Altíssimo a glória devida.

O altar, centro de reunião da sociedade cristã, há-de ensiná-la, pela sua decoração inspirada na Fé, a cantar o louvor de Deus.

A decoração ornamental não pode ser condescendência com o sentimentalismo, que leva a desvios perigosos e falsos. O sentimento não é essencial à religião. A arte, ao serviço da liturgia, em prol da colectividade cristã, é para esta oração e catequese.

Na simbologia cristã primitiva, encontra-se o modo concreto de fazer esta doutrinação. Os mistérios de ordem sobrenatural, não podendo representar-se com imagens adequadas, são traduzidos em símbolos, de pouco valor decorativo, por vezes, mas ricos em ensinamento.

A liturgia utiliza-os nos seus ritos e objectos de culto. Tudo espiritualiza, desde as orantes e as pombas, representando as almas, até ao peixe, significando Cristo. Urge respeitar, portanto, o que a tradição consagrou.

Nos retábulos, nas alfaias, em tudo, o que directamente toca ao altar, há-de reflectir-se um simbolismo que transfigure e faça vibrar, nos fiéis, os grandes mistérios de Deus.

É certo, que muitos dos motivos estereotipados, embora possuam alta compreensão teológica, nem sempre foram executados por mão de artista.

O cristianismo iniciou a Sua difusão entre a classe baixa de Roma, os escravos. Destes, normalmente sem cultura, surgiram os decoradores das catacumbas. E, assim, a arte simbólica primitiva, não revela a delicadeza da arte grega decorativa da mesma época.

Se não encanta a execução do trabalho, o sentido e a inspiração deste fornecem material suficiente para o revestir de formas novas e porventura mais belas. Há que tomar esses símbolos esquecidos e torná-los públicos, na renda, na pintura, na cerâmica. Mas, à competência do artista, deve associar-se a fé e piedade sinceras, capazes de realizar arte sacra.

É impossível alguém executar, de modo perfeito, algo que não corresponda às suas convicções.

O FRONTAL E AS TOALHAS DO ALTAR

O frontal, larga peça de estofo que reveste a parte anterior do altar, descendo da mesa ao supedâneo, é a autêntica decoração litúrgica. Assenta sobre uma armação de madeira, que pode circundar o altar nas suas quatro faces verticais. Não sendo obrigatório, pode-se substituir pela riqueza da talha ou do mármore.

Para a celebração da missa requerem-se no altar três toalhas de linho branco, ou pelo menos duas, sendo a inferior dobrada(1). A toalha superior deve cobrir os lados do altar até ao chão (2). É permitido recobrir o altar, fora das funções litúrgicas, com um guarda-pó, (3) que igualmente há-de cair até ao solo.

A guarnição de renda, nas toalhas, habitualmente sóbria, importa distingui-la nas festas. Será interessante atender-se ao tempo litúrgico no respeitante a bordados e demais aderessos.

O altar de Auriol (séc. V) é modelo de simplicidade, apresentando na decoração, o monograma de Cristo e doze pombas, seis de cada lado, voltadas para o centro, figurando as almas dos fiéis em torno do Senhor.

A renda ou o motivo decorativo da toalha são desequilibrados se excedem 10 a 15 cm.

O cerimonial dos bispos ordena que se coloque um tapete no supedâneo e degraus do altar, pelo menos em dias de festa. Há-de empregar-se cor idêntica no tapete e no guarda-pó. O encarnado escuro, tom quente e discreto, parece o mais conveniente. Não devem utilizar-se tapetes, com profanas composições, cruzes ou imagens de santos; quanto possível, tapetes sem ornato, ou com folhagem e desenhos geométricos.

A CRUZ E OS CASTIÇAIS

É obrigatória a presença da cruz sobre o altar em que se celebra (4). Não sendo de minúsculas dimensões, importa que se imponha aos olhares dos fiéis e do celebrante, pela sua altura e posição. Sobressaindo, por cima do sacerdote, em tamanho regular, não o obrigará a voltar demasiado a cabeça para a olhar.

Se o crucifixo é para ser contemplado, não será bizarra composição, nem idealização subjectiva. Toda a decoração do altar deve harmonizar-se com ele, e ceder-lhe a primazia.

Isto não exclue a presença de imagens ou telas. Mas que nunca furtem a atenção devida à cruz. Sendo esta indispensável, entre os castiçais, não requer o contacto imediato com o altar. Pode suspender-se do baldaquino, ou colocar-se no solo, (a cruz processional); e ainda utilizar-se o crucifixo esculpido, pintado e até mesmo representado no vitral, quando a luz permite distingui-lo.

Os castiçais erguem-se, ao lado da cruz. Atendendo à rubrica do missal, manter-se-iam no altar dois castiçais apenas. A solenidade das festas, que impunha mais dois ou quatro castiçais e o incómodo de os retirar, logo que não fossem necessários, criou o hábito de se conservarem habitualmente no altar, seis castiçais. E porque seis? A história o explica: estes castiçais eram, outrora, trazidos pelos acólitos diante do Papa, e dispostos no altar (5). Nas grandes solenidades eram sete.

Os castiçais não podem substituir-se por candelabros de vários braços ou suspensos da parede (6) nem exceder, em altura, o pé da cruz.

Cada vela tem o seu castiçal independente. A sua disposição é em forma triangular com vértice na cruz.

No entanto, não há obrigação; e o costume inverso de guardar a horizontalidade, que dá mais calma e imponência, pode conservar-se, visto que a rubrica apenas aconselha (7).

As velas confeccionam-se com cera de abelhas. Tomando em consideração a dificuldade de adquirir cera pura, admite-se que levem outros materiais.

A Sagrada Congregação dos Ritos (8) recomenda aos bispos que o círio pascal e as velas para a celebração eucarística, sejam de cera de abelhas «saltem in maxima parte» ou seja 75 por cento, segundo interpretam os autores.

FLORES

A decoração floral é relativamente moderna. Apareceu em França no séc. XVI. O cerimonial dos bispos a permite, não sem algumas reservas, que, afinal, só pretendem evitar manifestações de mau gosto. «Vascula cum flosculis». Isto nos insinua que as jarras servem para colocar as flores. Não são, portanto, peças decorativas no mesmo sentido da cruz e dos castiçais, mas objectos discretos e elegantes.

As flores dispõem-se, não em ramos compactos, mas com singeleza. Três ou quatro belas flores, uns pés de verdura, compõem um vaso.

Quando se não dispõe de flores naturais, podem utilizar-se flores artificiais, «de seda», diz o cerimonial, tolerando portanto, as de porcelana, metal e papel dourado. Mas permitir não é aconselhar. As flores do campo bendizem o Criador na beleza do colorido e no perfume que encerram. Colocadas sobre o altar, são a imagem da alma cristã, definhando ao serviço do Senhor.

SACRÁRIO

O lugar destinado ao sacrário é, hoje, o meio do altar (9); como regra sobre o altar-mor. Podem conservá-lo num altar lateral, as catedrais e as igrejas que possuam este privilégio.

Determina-lhe as dimensões, a quantidade de cibórios, que é preciso introduzir.

A própria finalidade do sacrário nos indica que este deve ser sólido, fixo e bem fechado.

Dispensa ornatos inúteis, e sobretudo construções extravagantes, a obrigação de revesti-lo completamente com um veu. Este é a verdadeira decoração exterior do sacrário.

O tecido mais conveniente para o pavilhão é a seda, contudo pode ser o linho, o algodão ou a lã.

A cor preferível é a do ofício que se celebra (roxa, quando este é de preto). Quando o interior do sacrário não é de metal ou talha dourada, convém guarnecê-lo de seda branca. A porta, que dispensa decoração, pode dividir-se em duas. Numa dessas meias-portas funciona uma fechadura que adere simultâneamente à parte superior e inferior do sacrário, garantindo a segurança do mesmo. Isto, embora mais estético, tem pelo menos a vantagem de o pavilhão ficar simétrico, quando se expõe o S. Sacramento e evita dificuldades, na altura da comunhão.

A cruz pode assentar sobre o Sacrário. Mas nunca sobre ele se colocam imagens ou vasos.

RETÁBULOS

Atendendo às necessidades do culto, surgiram, no altar, dípticos, placas de madeira ou metal, em forma de livros, onde a Igreja escrevia os nomes dos seus vivos e defuntos.

Perdendo o carácter utilitário, para as comemorações, na Missa, estes quadros aparecem, no séc. XII, apenas como objectos ornamentais, sujeitos ao capricho de cada estilo e adquirem a forma de retábulos fixos.

Largamente trabalhados pela pintura decorativa, semeiam-se de imagens, recordando mistérios e confessores da fé.

No Oriente, o altar permanece isolado no santuário e inacessível aos leigos. A veneração pelos mártires não se encontra relacionada com a Eucaristia.

Em Roma, generalizado o altar-túmulo, opera-se a unificação dos cultos. Mas a recordação dos mártires perde o vigor dos primeiros tempos e sobrevem o culto das imagens. A cada altar corresponde uma ou várias, aflorando nos retábulos em composições equilibradas no período ogival, com arrogância profana na Renascença e no Barroco.

O sentimento humano do povo exige a imagem no altar, e o retábulo torna-se indispensável a estilos de sua natureza pouco sóbrios.

Em Portugal, nos começos do séc. XVIII, talvez fruto desta devoção popular, que pretende exaltar o culto estático da Eucaristia, na contemplação directa das espécies consagradas, rasga-se o núcleo central do retábulo do altar-mor e nele se introduz um trono para a exposição solene.

Costume radicalmente português, que urge conservar.

A arquitectura moderna no nosso país não o esqueceu, e em muitos casos há equilíbrio e simplicidade.

No entanto, é espantoso como, por vezes, se soleniza o altar com retábulos descomunais e ornatos supérfluos, em que aquele se perde, numa inversão do principal pelo acessório.

Para uma decoração verdadeira exige-se sobriedade, discreção e graciosidade.

Evite-se todo o exagero nas proporções.

Ponham-se fora do altar e do templo do Senhor todos os objectos inúteis e ridículos — jarras profanas, folhagens de papel colorido, mãos e braços de cera, convidando à superstição e crendice.

A finalidade dos elementos decorativos, do retábulo ou pinturas murais que o substituam, é sublinhar e evidenciar o centro do culto cristão. Mas sublinhar não é destruir.

A. B. Santos

---

(1) Rubr. Miss.
(2) Id.
(3) Cerimonial dos Bispos.
(4) Rubr. Miss.
(5) Dom Cabrol — Diction. arp. - art. cierges.
(6) S. C. R. 16 Setembro 1865.
(7) Resposta da S. C. R. 21 Julho 1859.
(8) 14 Dezem. 1940.
(9) S. C. R. 21 Agosto 1863.

A Verdade sobre os Padres Operários

A recente publicação de «Les Saints vont en enfer», de Gilbert Cesbron, reportagem apaixonante sobre a vida de um padre operário, suscitou na Imprensa neutra francesa um forte movimento de curiosidade. A corrigir os desvios e exageros dessas informações apareceu um pequeno artigo de vulgarização com dados tão positivos que merece ser posto ao alcance dos católicos portugueses a quem não pode passar despercebida uma das mais sérias tentativas para a penetração da Igreja nas massas operárias.

Transcrevemos o artigo de «Ecclesia» a título meramente informativo, acrescentando o depoimento autorizado e objectivo de Sua Eminência o Cardeal Gerlier, quando em Outubro do último ano passou alguns dias no Seminário dos Olivais e confiou as suas impressões a «Novellae Olivarum»:

«Nem todos os países seguem as mesmas tradições. Nem todos se encontram no mesmo ponto de evolução . . . no estado actual das coisas, em França, os Padres Operários parecem-me o único meio de levar Cristo à massa pagã. Mas é evidentíssimo que esta solução pode não ser nada oportuna noutros países. Compete a cada Bispo pronunciar-se» (1).

A. I.

A ideia fundamental que determinou a sua criação na Igreja de França é bem conhecida: procede da dolorosa tomada de consciência daquilo que Pio XI designava como «o grande escândalo do século XX», a descristianização da classe operária.

Para destruir os preconceitos levantados entre a Igreja de Cristo e os proletários, alguns Padres jovens pensaram que um dos melhores meios seria partilhar das suas condições de vida e de trabalho, fazendo-se, segundo o conselho de S. Paulo, «operário entre os operários». Para mais, S. Paulo não tinha até trabalhado com as suas próprias mãos, como fabricante de tendas? Esta forma de apostolado que a tantos dos nossos contemporâneos parece nova, não passa na realidade de uma volta às fontes, aos primeiros tempos do Cristianismo; ela vai mesmo enxertar-se na mais autêntica tradição da Igreja.

---

(1) Cf. «Novellae Olivarum», Novembro de 1951 — «Problemas da Cristandade».

ORIGENS DO MOVIMENTO

A iniciativa de se fazer operário começou a ser tomada esporàdicamente por alguns Padres autorizados pelos superiores a tentar uma experiência pessoal. Um dos mais antigos, senão o primeiro de todos, foi o R. P. Loew, dominicano, que em plena guerra, no inverno de 1940-1941 trabalhou como descarregador no porto de Marselha. Tem alguns livros onde descreve essa experiência, que exigiu da sua parte energia pouco comum.

Mas o impulso foi dado sobretudo depois da publicação dos trabalhos do P. Godin que deviam concretizar-se na célebre obra «*França, país de missão?*». O Cardeal Suhard estudou pessoalmente a legitimidade do movimento e decidiu ele próprio as modalidades desta forma nova de apostolado. Assim nasceu em 1 de Julho de 1943 a «Missão de Paris».

O exemplo da diocese de Paris foi imitado por outras dioceses, como o dos Dominicanos o foi também por outras congregações.

MÉTODOS DE APOSTOLADO

O padre operário é um padre que ganha a vida como operário. Esta definição tão simples basta para determinar a sua maneira de viver.

Padre que é, celebra a missa no seu quarto, ou, como alguns dentre eles, na comunidade religiosa no seio da qual habita. Mas durante o dia nada o distingue dos companheiros de trabalho.

Sem procurar esconder a sua qualidade de padre, não a proclama aos quatro ventos. O seu apostolado missionário não consiste em pregar sermões aos companheiros da oficina ou das construções. O seu fim essencial é fazer irradiar à volta de si a caridade de Cristo, fazer sentir concretamente aos companheiros o que é um verdadeiro cristão. E no dia em que a sua qualidade de padre vier a descoberto já ele terá sabido rodear-se de amizades bastantes para que tenham vindo abaixo muitas barreiras de incompreensão. Assim, um facto como a morte do P. Michel Favreau, num acidente de trabalho, teve enorme repercussão entre os seus camaradas, descarregadores como ele nos cais de Bordeus (2).

---

(2) Na manhã de 7 de Abril de 1951 o P. Michel Favreau, da equipa de Bordeus, ficou esmagado debaixo de uma tonelada de madeiros que se desprenderam do guindaste. Estava de serviço naquele momento a render um descarregador espanhol adoentado.

QUANTOS SÃO ELES?

A este respeito muitos disparates se publicam todos os dias. Imaginam-se os Padres Operários como batalhões cerrados e inumeráveis atirados para a classes operária.

Ainda não há muito, o crítico de um grande diário evocava esses «milhares» de Padres Operários entre os quais Gilbert Cesbron tinha escolhido o seu herói. Mas na realidade, hoje, em 1952, todos os Padres Operários da França não passam de uma centena.

DIFERENTES CATEGORIAS

Os Padres Operários não formam uma espécie de congregação à parte. Canònicamente, vivem em situações extremamente variáveis, consoante as condições em que as autoridades da Igreja permitiram a tal ou tal de entre eles empreender esta experiência. Acrescentemos que na prática se englobam na designação de «Padres Operários» todos os sacerdotes que trabalham com o hábito dos leigos, ainda que não seja forçosamente na fábrica. Aqui temos as principais formas canónicas de «Padres Operários»:

1 — *A «Missão de Paris»*

É a mais conhecida e agrupa também o núcleo mais numeroso. O fundador, o conhecido P. Godin morreu mesmo no momento em que a obra acabava de nascer, logo a seguir às sessões de estudo em Lisieux, em Dezembro de 1943 e Janeiro de 1944. Actualmente a Missão de Paris conta ao todo vinte e cinco membros, dezoito dos quais trabalham quer como operários manuais na indústrial automóvel, na metalurgia ou na indústria química, quer como descarregadores ou condutores em carreiras de longo curso.

2 — *Padres operários das dioceses da província*

Um certo número de Bispos tomaram à sua responsabilidade, nas dioceses respectivas, a iniciativa do Cardeal Suhard e autorizaram alguns dos seus Padres a tentar a experiência da vida operária. Actualmente, bastantes dioceses de França têm já Padres operários: Lille, Nancy, Lião, Limoges, Marselha, Bordeus, Tolosa, Autun, Chambéry, Maurienne

e Tarentaise. Nestas três últimas trabalham na construção de barragens, em condições de vida que exige por vezes raro poder de abnegação.

Interessa notar que por toda a parte esta experiência é feita sob o contrôle imediato da hierarquia, e que os Bispos a seguem muito de perto.

3 — *Monges operários*

Paralelamente a estas empresas diocesanas, sob o contrôle directo dos Prelados, existem outras cuja iniciativa pertence a ordens religiosas. Actualmente há padres operários pertencentes aos Jesuitas, aos Dominicanos, aos Franciscanos e aos Capuchinhos. Os três núcleos mais importantes são os de Lille (Dominicanos), Nanterre (Capuchinhos) e Marselha (Dominicanos). No total os «monges operários» não passam de uns vinte, dentro da centena de padres operários que atrás assinalámos.

4 — *Irmãos do Sagrado Coração.*

É um caso muito particular porque nem todos são padres. Mas todos são religiosos e emitiram os votos. Vivem em «fraternidades» de cinco a sete membros. Encontram-se na França, no Sahará e no Próximo Oriente. As suas intenções são um pouco diferentes. Trabalham com as suas próprias mãos, conforme os costumes do lugar onde habitam, mas a sua finalidade é mais pròpriamente contemplativa do que social ou apologética.

5 — *Coadjutores operários.*

É a última tentativa, a última forma ditada pela experiência. Coadjutores de paróquias em meios operários, assegurando as suas funções habituais de pastores de almas, trabalham também na fábrica, toda a jornada ou só meio dia.

Ainda não estão muito espalhados: existem em Bobigny, Colombes e Marselha.

Podemos aproximá-los dos padres operários que exercem a sua acção nos meios rurais, nos trabalhos agrícolas, ou dos padres do mar que embarcam e levam vida de marinheiros; mas tanto uns como outros não são ainda muito numerosos.

De «Ecclesia-Lectures Chrétiennes» — Outubro de 1952

Leia, que lhe deve interessar...

1 — «**Islam et Chrétienté**», por Robert Montagne, em «La Vie Intellectuelle», Outubro de 1952.

O mistério da transformação dos povos muçulmanos. As almas superiores não satisfazem as suas aspirações para o infinito. E longe do isolamento de há meio século, a sociedade islâmica começa a voltar-se para o Ocidente. Seremos capazes de lhes apresentar em todas as suas exigências uma fé viva e eficaz?

2 — «**De novo uma contra-reforma católica**», pelo P.e Ricardo Lombardi, em «Brotéria», Outubro de 1952.

O conhecido P.e Lombardi é optimista. Do estado actual do mundo Deus quer tirar um bem maior: que todos os cristãos vivam heroicamente as exigências da sua Fé.

3 — «**Confession d'un enfante de ce siècle**», por Charles Lindberg, em «Ecclesia — Lectures Chrétiennes», Julho de 1952.

O conhecido aviador afirma que as técnicas deixam um vazio na alma. Temos de espiritualizar o nosso mundo.

4 — «**Aménagement du territoire**», por F. de Dainville e F. Russo, em «Études», Setembro de 1952.

Análise objectiva das possibilidades de uma regularização industrial equilibrada: a descongestão das grandes cidades, a industrialização das cidades da província, a criação de pequenas fábricas nas regiões rurais, a fim de se evitar o êxodo para as cidades e a despersonalização das massas operárias.

5 — «**Preparando a bomba atómica**», por Cristiano de Oliveira, em «Brotéria», Outubro de 1952.

Não sendo um trabalho de vulgarização, é no entanto de grande utilidade para nos introduzir na história e nos cálculos complicados da bomba atómica.

6 — «**Albert Camus et nous chrétiens**», em «Ecclesia. Lectures Chrétiennes», Abril de 1952.
«**André Malraux et nous chrétiens**», «Ecclesia. Lectures Chrétiennes», Out. de 1952.

Pierre de Boisdeffre, um crítico que se tem vindo a afirmar nos últimos tempos, esforça-se por esclarecer o mistério e a fascinação dos tão discutidos escritores franceses.

7 — «**L'Étoile rouge à l'horizon de l'Inde**», por Maurice Quéguiner, em «Études», Outubro de 1952.

Nehru está a perder terreno e as multidões que tanto o aclamavam pela Independência, retiram-lhe agora o seu apoio, cépticas e desenganadas porque não se cumpriram as promessas de há cinco anos.

O comunismo não descansa. Está numa situação privilegiada, montou excelente propaganda a aproveitar o descontentamento da população. Os cristãos serão capazes de o suster e de se lançarem à conquista dessas multidões miseráveis?

A. J.

CRÓNICA

Em Festa com o Pastor

No passado 18 de Novembro quisemos, mais uma vez, unir-nos às manifestações de júbilo de todos os fiéis de Lisboa, na comemoração da transferência, para a nossa Diocese, de Sua Eminência o Senhor D. Manuel Gonçalves Cerejeira.

Correram já sobre esse acontecimento, decisivo para o futuro da Igreja de Lisboa, vinte e três longos anos, que Sua Eminência gastou em laboriosa actividade, cuja eficácia e alcance, por razões evidentes, me dispenso de avaliar.

Nunca permitimos que este dia passe, sem que o fique a assinalar alguma coisa que evidencie o carácter especial da nossa homenagem e da nossa gratidão. Objecto dos maiores desvelos por parte de Sua Eminência, procuramos nunca esquecer a nossa condição de filhos mais acarinhados da diocese.

Tivemos ensejo de oferecer por duas vezes o Santo Sacrifício pelas intenções do nosso Prelado. Logo de manhã celebrou Missa o Senhor Cónego Vice-Reitor no ambiente familiar da nossa capela, cuja sumptuosidade continuamente nos lembra tanto da sua dedicação e do seu sacrifício.

Também na Sé, centro da diocese, foi celebrado um solene Pontifical em que participámos. Assistiram o Excelentíssimo Cabido, vários sacerdotes da cidade e larga representação de fiéis. Não esquecemos, em intenção especial do momento, entregar nas mãos do Senhor a viagem triunfal que Sua Eminência está fazendo à Índia, na honrosa função de legado «a latere» de Sua Santidade.

Feriado, como a tradição com justiça estipulou, todas as ocupações do dia, mesmo as mais comuns, foram sublinhadas com pormenores festivos pouco habituais. Quando logo de manhã, ao entrarmos no refeitório, deparámos com uma imponente fotografia de Sua Eminência, colocada no extremo da sala e artìsticamente emoldurada com flores e panejamentos, irrompemos numa entusiasta e prolongada salva de palmas.

À tarde, realizou-se em família uma sessão solene, a que se dignou presidir Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Arcebispo de Císico, ladeado pelo Senhor Cónego Vice-Reitor e pelos restantes superiores da casa.

Em discurso de abertura o Presidente da Academia, Reverendo Fernando Alves Cristóvão começou por enumerar os motivos que estavam na base das nossas homenagens ao Pastor. Depois de acentuar que para vitoriarmos Sua Eminência bastava ser Ele o nosso bispo, a fonte de santificação da diocese, referiu-se às qualidades excepcionais com que a Providência dotou o Homem inteligente e experimentado de que a diocese carecia. Situou ainda a acção de Sua Eminência, na linha da História Religiosa de Portugal nos últimos tempos.

No seguimento do programa foi representada pela secção académica de Filosofia, a magnífica peça «Comandante abaixo de Deus» a que a extensão, três longos actos, não diminuiu o interesse e a emoção, crescentes de cena para cena. Apresentava, através dum argumento bem concebido, todo o drama pungente mas glorioso dum verdadeiro cristão, continuamente empenhado no conhecer e realizar a vontade de Deus em todas as vicissitudes da sua vida, a movimentar-se num mundo de materialismo, privado dos horizontes sobrenaturais que só a Fé deixa divisar. O herói da peça, arrebatante, aparece-nos como um gigante intrépido na virtude da Fé, um modelo de Caridade para Deus e para o próximo, inabalável na Esperança, apesar de todos os obstáculos: «Se Deus se deu ao trabalho de nos dar a conhecer a Sua vontade, dar-nos-á os meios de a realizar.» Em resumo: o heroismo teologal em todo o seu esplendor.

Quando o inegualável poder sugestivo do Teatro é posto ao serviço de tais temas, não se dá por perdido o tempo gasto em entretenimentos deste género. Penso mesmo que nos aproveitam duma maneira muito particular.

Os nossos agradecimentos aos Filósofos que, pela maneira como se houveram, estão de parabens. Muito mais ficámos a de-

ver ao Senhor P. José Honorato que, tendo em mãos um exemplar francês, traduziu e ensaiou a peça.

Encerrou a sessão o Senhor Cónego Vice-Reitor que nos estimulou a corresponder ao amor do Prelado excepcional que Deus nos concedeu.

*
* *



Integrado na celebração do aniversário de Sua Eminência, foi promovido e organizado pela Academia dos Teólogos o Salão de Outono, onde foram expostos algumas dezenas de quadros, assinados por artistas nossos.

O Senhor Cónego Vice-Reitor inaugurou a exposição e visitou em seguida, com agrado evidente, os trabalhos apresentados.

Lemos as assinaturas de Alcides dos Santos Martins, António Baptista dos Santos, Francisco Nuno, José Guilherme e José Poças Ribeiro. É justo pôr em evidência o contributo de António Baptista dos Santos que apresentou dezassete composições entre as quais se contavam as aguarelas paisagísticas de mais primorosa execução, e os lápis concebidos com mais arte e originalidade.

Quadros como «Junto à fonte», «Berlenga», «Flores» e «Margem do Tejo» foram particularmente apreciados.

Para benefício nosso e dos pobres . . .

As doze famílias visitadas pelos membros da nossa Conferência têm vindo a receber em suas casas, os que procuram imitar a humildade e a caridade do grande S. Vicente de Paulo.

A nossa acção é reduzidíssima, se atentarmos no muito que há para fazer por estes sítios mais chegados ao Seminário. Continuamos, no entanto, sem desfalecimento, a fazer o pouco que está ao nosso alcance, visto que estamos plenamente convencidos de que mais do que os pobres, aproveitam os que os visitam e com eles falam como para irmãos.

A. Tavares

Actividades Académicas

O interesse excepcional que estão a adquirir todos os problemas relativos à acção dos leigos no Apostolado, foi o que levou a Academia a reservar totalmente um dia de actividades, para se ocupar do assunto.

Pela manhã, reuniu-se a primeira sessão ordinária do ano, de que foi orador José Carlos da Silva e Sousa que analisou o tema «A especialização na Acção Católica», seguindo o esquema:

I — Oportunidade da Acção Católica
II — Meios ambientes
III — Necessidade de especialização.

Disse a certa altura: «A especialização aparece como uma necessidade indispensável para uma irradiação organizada. Ao analisar as condições de um apostolado eficaz, chegou-se à especialização.»

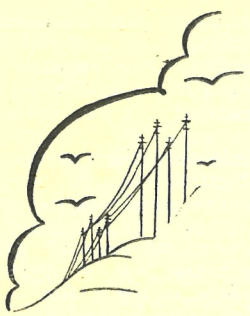
Foi «disputada» ainda durante a sessão a segunda «étapa» do Congresso de Cultura Geral que está a despertar o maior interesse.

Nessa sessão ainda, tivemos o prazer de escutar o Rev.mo P. Reed, assistente diocesano da I.O.C. que se nos dirigiu com a vivacidade e ardor que, há muito, lhe conhecemos.

● Também a secção dos Filósofos iniciou já os seus trabalhos com uma sessão em que o Vice-Presidente Alberto Simões Dias falou sobre «Influências e Permanências da Poesia Medieval na Poesia Popular da Beira-Baixa», tema de largas perspectivas culturais e literárias. Enquadradas na exposição, que foi longa e pormenorizada, foram recitadas poesias populares de hoje, a par de composições de gosto medieval, para mais em concreto se realçarem as semelhanças e influências.

● Fernão Lopes na Historiografia Portuguesa foi o assunto versado na segunda reunião dos Filósofos. O Vice-Presidente Alberto Simões Dias fez uma tentativa, bem sucedida, de concatenação entre a matéria que na sessão anterior desenvolvera e aquela de que, daí a momentos, o académico Nicolau Dias Baptista se iria ocupar. Disse a concluir que Fernão Lopes pode considerar-se o primeiro «cantor» da gloriosa história de Portugal.

Ouvimos ainda agradáveis números de canto. Já ouvíramos na sessão anterior as melodias dolentes e arrastadas originárias da Beira e Alentejo, e nesta última adivinhámos o temperamento folgazão das gentes do Douro, através da vivacidade das suas canções.



Na Quinta do Salter

Ninguém nega a dificuldade da vida interna, minuciosamente regulada, que levamos no Seminário. Para que o espírito descanse e se revigore, para um melhor cumprimento dos deveres de oração e estudo que para nós constituem ao presente toda a vontade de Deus, torna-se necessário, de vez em quando, quebrar a monotonia e passar algumas horas fora do Seminário em aprazível ambiente de passeio.

Respirámos, assim, com muito agrado o ar puro e refrescante da quinta do Salter que também serviu de «refeitório». Quanto a apetite é sabido que os ares do campo não são dos que mais fastio provocam...

Camarate, aldeia que ùltimamente se tem desenvolvido muito, tem uma linda Igreja que de tarde tivemos ocasião de visitar. Reparámos nos retábulos do tecto de certo valor, não deixámos de atentar na beleza dos azulejos que cobrem as paredes, e concluimos que merecia a pena demorar a vista na talha do altar-mor. Antes de sair cantámos juntos a Salve Regina, pedindo a Nossa Senhora que também naquela terra, que não é das mais fervorosas, o progresso espiritual acompanhe o material.

A O.C.E. recomeçou

Não mereciam realmente perder-se os benefícios trazidos aos seminaristas, aos párocos, à própria diocese pela Obra dos Coadjutores Espirituais. É por isso que se têm envidado todos os esforços no sentido de prosseguir.

Eugénio dos Santos apresentou, na primeira sessão do ano, os resultados da sua troca de impressões com o Rev.mo P. Canas, prior da freguesia de S. Isidoro, no concelho de Mafra, sobre algumas festas paroquiais organizadas por aquele sacerdote: a festa das Colheitas e a da bênção das mães.

A primeira, nas têmporas de Setembro, em que a população rural agradece os frutos recolhidos e pede bênçãos para os que vai semear, é de carácter acentuadamente litúrgico. Na festa das mães, que se realiza a 2 de Fevereiro, são abençoadas as que foram mães durante o ano anterior.

Ouvimos com grande interesse todas estas coisas, e vamos acumulando conhecimentos que serão preciosos para realizações futuras.

UM LIVRO QUE LHE SERÁ ÚTIL:

«Ao Serviço Dos Pobres» — P.e J. Guerreiro Barbas — Edição do Autor — S.E.T. Depositária, Rua Gomes Freire, 30.

«Ao Serviço Dos Pobres», como diz o seu autor, não é uma obra literária destinada aos apreciadores de boa prosa, mas um argumento convincente a provar a caridade da Igreja.

Tem todo o valor de uma experiência concreta, cujos resultados estão à vista, e possui toda a eloquência de um testemunho vivido.

Maior é portanto o seu valor, para todos os que se compenetraram do grave dever social da justiça e da caridade.

Nestas páginas, colectânea de artigos publicados em «O Servo de Todos», jornal da «Casa da Divina Providência e de Maria Auxiliadora», de que é a alma o P.e Guerreiro Barbas, passam diante de nós as aspirações, as dificuldades, enfim, toda a história de uma obra fundada na caridade evangélica, e não nos proventos certos da filantropia impessoal.

A. C.

Índice alfabético de 1952

Abertura — *Director* 145

Altar (O) — *A. B. Santos*:

— Sua arquitectura 174

— Sua decoração 201

Aniversário (Sentido de um) — *F. Cristóvão* 169

Anseio do Santo Padre — 12

— pelo regresso dos nossos irmãos 13

Baptismo (O) e o Mistério Pascal — *R. M.* 49

Bibliografia «A cantar se aprende e reza» — *A. C.* 190

Bibliotecas (A propósito de) — *C. V.* 128

Caracter (Um), um coração, uma alma sacerdotal — *P. J. F.* 28

Catolicismo (O) nos meios escolares do Japão — «*A. I. F.*» 163

Centenário (O) de S. Francisco Xavier — *J. C. Cardoso* 159

Contemplação e Acção — *A. Alves Guerra* 46

Cristandade (Problemas da) — *F. C.-A. J.* 14

Crónica 23, 70, 95, 120, 142, 167, 191 212

Dor que suaviza — *A. Tavares* 30

Ecos: — Pastoral Sacramental — *J. A.* 64

— Nova edição do Ritual Romano 92

Église (L') et la société civile — *Ch. Thils* 73

Espírito missionário (O) — *A. Jorge* 149

Expectativa do Salvador — *Rocha Merendeiro* 193

Iconografia cristã (Da) — *A. Leitão* 188

Igreja Católica (A) na Costa do Ouro — *Charles Erb* 153

Imprensa estrangeira (Pela) — *A. Jorge* 165

Leia que lhe deve interessar 211

Liturgia e Acção Católica — *Cónego A. Gonçalves* 42, 79

Livro (Um) que lhe deve ser útil — *A. C.* 214
Missas da tarde — *B. Silva* 87
Natal — *Alves Guerra* 198
Nossa Senhora no Oriente — *Gaspar Novo* 107
O.V.S. (A) no Patriarcado — *A. J.-R. S.* 104
Oblação 135
Padre Retif (Ouvindo o) — *F. C.-A. J.* 182
Padres operários (A verdade sobre os) 207
Pascal (Êxito de) — *A. Tavares* 131
Quaresma: — sua ascese — *J. Gonçalves* 32
— como o povo a sente e vive — *Simões Dias* 56
Quadra popular (Da) — *Fernando Melro* 114
Regresso à unidade dos nossos irmãos separados — *Arc. de Cizico* 1
«Russicum» (O) — *X.* 140
Santa Missa (A) segundo o Rito Bizantino e Latino 3
União das Igrejas (A) — *J. C.* 20
Unindo a firmeza dos princípios com a benignidade de Pai — *I. R.* 118
Valor humano do artista cristão — *A. Jorge* 121
Virgo singularis — *P.e F. Wakkers* 97
Vigília Pascal (A) — *C. C.-J. T.* 38

SOCIEDADE INDUSTRIAL METALÚRGICA
R. L.
SERRALHARIAS
Rua de S. Tiago, 13 — LISBOA

CASA PORTUGUESA
Grandes oficinas gráficas
Composição mecânica
RUA DAS GÁVEAS, 103
TELEFONES P. B. X. 21271-27817
LISBOA

IMAGENS — MISSAIS
PARAMENTOS
LIVROS RELIGIOSOS

E

TODOS OS ARTIGOS
PARA O CULTO

LIVRARIA CATÓLICA

Casa fundada em 1866

SOUSA TAVARES, L.DA

220 — RUA AUGUSTA — 222 Telefone 2 7757 LISBOA

Pratas de arte, jóias, bronzes artísticos, pratarias para o Culto

realizadas pela célebre
OURIVESARIA ALIANÇA
nas suas oficinas próprias
e muito bem organizadas.

Fornecem-se orçamentos
Preços módicos
OURIVESARIA ALIANÇA
Celestino da Motta Mesquita
Proprietário

Sede:
Rua das Flores, 191 a 211
PÔRTO

Filial:
Rua Garrett (Chiado), 50
LISBOA

C. SANTOS

LANIFÍCIOS

Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc.

Qualidades para todos os preços-Exclusivos
Secção de cachecois e lanifícios de côr
DESCONTOS E PRAZOS
COVILHÃ

Cafés
Chás
Farinhas
Cevadas
Chocolate
Cacau
Pudins
Flocos de Aveia
O melhor que se produz e se prepara, é o que vende
A Mariazinha
Casa especialista de Cafés, Chás e Farinhas
Lisboa
Rua Barros Queiroz, 28
Porto
Rua de Santo Ildefonso, 415

TRABALHO DA NAÇÃO
PARA A
ECONOMIA DA NAÇÃO

SACOR

UM ESFORÇO DIÁRIO DE
800
PORTUGUESES

S A C O R

EM LISBOA E EM TODO O PAÍS

MÁRMORES E CANTARIAS

Pardal Monteiro, Limitada

(Casa fundada em 1888)

Sede e instalações industriais:
PERO PINHEIRO

EM LISBOA:
Estrada de Benfica, 167 a 171 (Sete Rios)
Telefones: P. P. 18 e 74307

CASA FÂNZERES

OFICINAS DE IMAGENS, PINTURAS, DOURAMENTOS E OBRAS DE TALHA. RESTAUROS. PINTURAS DE TELAS E CETINS. ARTIGOS DE METAL.

RUA DO SOUTO, 134 – BRAGA

TELEFONE 2704



DESCONTOS AO REV.mo CLERO

E. PINTO BASTO & C.ª, L.DA

LISBOA

TRANSPORTES MARÍTIMOS E AÉREOS
CARVÃO
SEGUROS
REPRESENTAÇÕES
(INDUSTRIAIS, ETC.)
EXPORTAÇÕES
TRANSITÁRIOS
ETC., ETC.

NO PORTO

KENDALL, PINTO BASTO & C.ª, L.DA

FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme a norma canónica e com a aprovação de Sua Excelência Rev.ma o Senhor Bispo do Pôrto

RUA INFANTE D. HENRIQUE
PÔRTO

ROSSIO, 93, 2.º
LISBOA

A TOSSE



COM

BENZO-DIACOL